

AS RELAÇÕES DE PODER NA ESCOLA: O CANTO DA CONTESTAÇÃO NA MÚSICA *ANOTHER BRICK IN THE WALL*, DE PINK FLOYD

Alex Sandro Alves do Nascimento*

RESUMO:

Tomando como referência as idéias de Furlani (1997), Santos (1999), Freire (1996), Castiello (1958) e outros teóricos que refletem sobre relações humanas na escola, analisaremos, na letra Another Brick in the Wall, da banda Pink Floyd, a representação das relações de poder nas atitudes de um professor ortodoxo, ditador, hostil e sarcástico e a reação dos alunos que têm consciência de sua cidadania e fazem valer os direitos humanos. Enfocaremos a questão de respeito ao cidadão pelo reconhecimento de seus méritos e a imposição da autoridade por hierarquização social.

PALAVRAS-CHAVE: *Música, Educação, Relações de Poder, Exclusão*

Se quiser por à prova o caráter de um homem, dê-lhe poder.
Abraham Lincoln

Another brick in the Wall (um outro tijolo no muro) música lançada em 1979 transmite ao público uma concepção transformadora do sistema educacional que, em sua ótica, ao invés de motivar as crianças em processo de formação, ele as oprime com suas exigências alienantes e anti-democráticas. Este modelo fascista negligencia os valores éticos e sua ideologia truculenta, seja de maneira torpe, com violência escancarada ou de maneira sutil é abrigada pela ação política institucional educacional. Talvez uma referência ao modelo educacional britânico que, na época, usasse de extremo rigor no trato com os alunos.

É a velha forma tradicional do poder: um, dois, três; vou ver! Não pensar, apenas cumprir as ordens! Nunca esquecer o adágio popular: manda quem pode, obedece aquele que for sábio! Um mecanismo castrador da identidade individual para quem entregamos nossas crianças para serem subjugadas e obrigadas a perderem seu próprio EU e passar a pensar e agir em consonância à sociedade idealizada e/ou representada pelo professor.

A letra da música leva o leitor ao ambiente escolar nos anos setenta onde a postura do educador é desprovida de valores éticos; chegando a se violento e ameaçador quando suas idéias são contra-argumentadas ou desprezadas. A canção

* Professor de Língua Inglesa na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental José Gomes

sugere, ainda, que tais modelos atitudinais são um reflexo da relação que os professores enfrentam em seus lares na convivência com suas esposas "gordas, neuróticas, metódicas e psicopatas".

Surge, dessa forma, o(s) grito(s) de revolta: "Ei, professor! deixe essas crianças em paz!", "Não precisamos de nenhuma educação", "Não precisamos de controle mental"! É a revolta dos jovens contra a autoridade e as crenças que proferem. E para fazer valer seus ideais, violam o direito alheio e sancionam a violência como critério de suposta defesa e de auto-preservação. Um tapete vermelho feito com a arte da arrogância, do desprezo pelo espaço do outro e repleto de discurso falacioso.

Um olhar mais criterioso nesses protestos verbais contra "a autoridade", até usando crianças em processo de formação, pode levar o leitor a pensar que tudo não passa de sentimentos de revolta, rebeldia, traumas psicológicos, efeitos do uso de drogas e conflitos familiares não solucionados. Enfim, dramas pessoais do compositor e vocalista Roger Waters passados para o papel e veiculados através da composição de sua canção.

Existem três momentos distintos na canção:

Another Brick in the Wall (parte I) – memórias do narrador, The Happiest Days of our Lives (parte II) - retratando a figura de um professor ortodoxo e insensível, resultado de uma relação familiar falida, lacunar e cheia de traumas psicológicos; Another Brick in the Wall (parte III) - A educação é posta em check. O narrador a define como totalmente alienante e deformada. Em nenhum momento ele valoriza a moralidade, os bons costumes, a ética na escola e o respeito a qualquer forma de autoridade, até mesmo aos mais velhos. Na verdade sua música é parricida, uma motivação à rebeldia fomentando a evasão escolar.

ANOTHER BRICK IN THE WALL (PART 1)

Daddy's flown across the ocean
Leaving just a memory
Snapshot in the family album
Daddy what else did you leave for me?
Daddy, what did you leave behind for me?
All in all it was just a brick in the wall.
All in all it was all just bricks in the wall.

THE HAPPIEST DAYS OF OUR LIVES (PART 2)

You! Yes, you! Stand still laddy!"
When we grew up
and went to school
There were certain teachers
who would hurt the children
in any way they could
By pouring their decisions
Upon anything we did

And exposing every weakness
However carefully hidden by the kids
But in the town, it was well known
When they got home at night, their fat and
Psychopathic wives would thrash them
Within inches of their lives.

ANOTHER BRICK IN THE WALL (PART 3)

We don't need no education
We don't need no
thought control
No dark sarcasm
in the classroom
Teachers leave the kids alone
Hey teacher! leave us kids alone
All in all it's just
another brick in the wall
All in all you're just
another brick in the wall
We don't need no education
We don't need no
thought control
No dark sarcasm
in the classroom
Teachers leave the kids alone
Hey teacher! leave us kids alone
All in all you're just
another brick in the wall
All in all you're just
another brick in the wall
"Wrong, Do it again!"
"If you don't eat yer meat,
you can't have any pudding."
"How can you have any pudding
if you don't eat yer meat?"
"You! Yes, you behind the bikesheds,
stand still laddy!"

Um outro tijolo no muro (Parte 1)

Papai voou pelo oceano/ Deixando apenas uma lembrança/ Uma foto instantânea no álbum de família/ Papai o que mais deixou para mim?/ Papai, o que você deixou para trás por mim?/ De um modo geral foi apenas um tijolo no muro./ De um modo geral foram apenas tijolos no muro.

Os Dias Mais Felizes de Nossas Vidas (2)

Você! Sim, você! Você não foge de mim!/ Quando crescemos e fomos à escola/ Havia certos professores/ que machucavam as crianças de toda forma que pudessem/ Ao colocar suas decisões em tudo que fazíamos/ e expondo toda fraqueza/ mesmo aquelas escondidas cuidadosamente pelas crianças./ Mas na cidade, sabia-se muito bem/ Quando eles chegavam em casa à noite,/ Suas esposas gordas e psicopatas/ desvalorizavam e maltratavam-lhes sem descanso.

Outro Tijolo no muro (Parte 3)

Não precisamos de nenhuma educação/ Não precisamos de nenhum controle de pensamento/de nenhum sarcasmo negro na sala de aula/ Professores, deixem as crianças em paz/ Ei, professor! Deixe-nos crianças em paz!/ De um modo geral, isto é apenas/ mais um tijolo no

muro/ De um modo geral, você é apenas/ mais um tijolo no muro/ Não precisamos de nenhuma educação/ Não precisamos de nenhum/ controle de pensamento/ De nenhum sarcasmo negro na sala de aula/ Professores, deixem as crianças em paz/ Ei, professor! Deixe-nos crianças em paz!/ De um modo geral, você é apenas mais um tijolo no muro/ De um modo geral, você é apenas mais um tijolo no muro/ "Errado, faça de novo!"/ "Se você não comer carne,/ não vai ganhar pudim."/ "Como você quer ganhar pudim/ se você não comeu a carne ainda?"/ "Você! sim, você atrás das bicicletas,/ você não foge de mim!"

(Tradução nossa)

I. Autoridade ou autoritarismo - professor versus aluno e vice-versa

A relação aluno/professor sempre foi um campo minado no ambiente educacional. De um lado temos aqueles que tentam desempenhar suas funções de educadores acreditando e defendendo os métodos tradicionais, e aqueles que procuram novas estratégias para um melhor desempenho de suas funções em sala de aula fazendo um sistema de parceria e igualdade. No primeiro caso ocorre a assimetria que consiste em uma forma de diálogo onde não existe democracia entre os interlocutores, o educador detém a ação ativa da fala; o aluno apenas ouve sem questionar. O modelo seguinte abre espaço para o diálogo de forma simétrica podendo facilitar o convívio em sala de aula (SANTOS, 1999, p. 32).

O problema que segue a partir da escolha do método é que, em ambos, o educador pode controlar as formas de pensar dos alunos direta ou indiretamente de forma passiva ou ativa. O professor detém o conhecimento, é ele quem gerencia a situação, atribui notas, organiza aquilo que o aluno expressa verbalmente ou escrito e isso, claro, é assimétrico por natureza. Cria-se então, para o aluno, a sensação de redução. Ele vê o mestre pejorativamente como aquele que dita as regras e estas devem ser seguidas de forma passiva ou forçada, mesmo esporadicamente (SANTOS, 1999, pp. 8-9).

Cabe ao professor através da metodologia mais coerente à realidade que se encontra, incutir no aluno que o termo "autoridade" não deve ser recebido como uma forma de privação de seus direitos individuais ou coletivos. Nunca entender que ao receber uma ordem, isso conote a perda da autonomia do grupo discente, e sim que alguém confia em seu potencial e espera resultados. A figura do educador é transposta para a de um líder em busca de encontrar e potencializar seus pontos fortes. Educador e educando, juntos, têm a difícil tarefa de fazer escolhas, traçar novos caminhos, definir objetivos, e estipular novas metas, aprender a lidar com elas de forma positiva utilizando-as como ferramentas para seu desenvolvimento.

Furlani (1999, ppp. 20, 23, 29) diz que, para que se possa conseguir autoridade, se faz necessário que o grupo consiga ver e reconhecer no líder as características

citadas relacionadas à liderança para fazer uso delas em detrimento do grupo. A autoridade não deve decorrer da sua posição hierárquica ou porque existem normas e preceitos que a embasam, tudo deve estar alicerçado no respeito mútuo entre o professor e o aluno. Não podemos esquecer de que um bom líder respeita as diferenças sociais e age em função daqueles que são oprimidos e, conseqüentemente, desvalorizados e marginalizados pela desigualdade social.

Há, no mundo contemporâneo, um real interesse pela violência, exclusão social e o desrespeito ao espaço do outro. Também observamos isto no espaço escolar, e este é um tema que vem preocupando os educadores pelo fato de ser difundido que tais problemas estariam ligados a uma verdadeira crise de autoridade em nossa atual sociedade.

Mas, como solucionar tal problema? Seria interessante a criação de um poder mais autoritário? O professor deve impor-se ao aluno, através da superioridade do cargo?

Se revermos a escola do passado lembraremos o procedimento de muitos educadores e reviveremos as marcas que o autoritarismo deixou na sociedade humana como resultado da busca desenfreada pelo poder. Contra o autoritarismo foram criadas organizações internacionais que pudessem garantir os direitos humanos e todas as liberdades civis, no real estado de direito. Percebemos no fim do século XX, um interesse crescente de toda a sociedade, e da educação em particular por questões que passam pelos problemas causados pela violência, bullying¹, pela arbitrariedade, pela exclusão e que estão ligados, sem dúvida, à questão da autoridade e da ética.

Dentro das escolas cada educador deve, mesmo parecendo autoritário, levar crianças e jovens a construir valores, a pautar seus comportamentos por regras, a situar-se além e aquém de certos limites, mas a lutar, também, contra a violência, que não se deve somente à falta de valores de algumas pessoas, estando, antes, vinculada à pobreza, à injustiça, ao arbítrio, à exclusão. Os limites, sem sombra de dúvida, fazem parte do processo educativo e a ausência dessa prática pode gerar uma crise de valores, uma volta ao estágio selvagem em que vale a lei do mais forte.

São os pais e os professores, no caso específico da família e da escola, aqueles investidos de autoridade para colocar limites e reforçarem as tendências "pró-sociais" presentes em crianças e jovens, como de resto em todos os seres humanos. Assim, a função de educação, dentre outras, é levar os educandos a perceberem o que podem ou não podem fazer, o que devem ou não devem fazer, numa dada situação.

¹ Bullying é um termo [inglês](#) utilizado para descrever atos de [violência](#) física ou [psicológica](#), intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (bully ou "valentão") ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz (es) de se defender.

As ações citadas podem conotar autoritarismo, mas isso só ocorre, *ipsis litteris*, quando existe a ausência de diálogo, nada pode ser discutido, o professor é o centro e não dá oportunidades ao aluno para se expressar e contestar quando, de direito; o discente é forçado por meio de ameaças a se calar e as notas e reprovações são usadas como instrumentos de retaliação para agredir, criticar, ridicularizar, ironizar e/ou acrescentar ou suprimir atividades. Esses, sim, são modelos de autoritarismo e, indubitavelmente, enfraquece a relação professor-aluno (FURLANI, 1999, pp. 45-48).

Autoritarismo e autoridade, entendidos nas duas dimensões aqui colocadas, são dois conceitos bastante diferentes. O Autoritarismo está ligado ao arbítrio e a práticas anti-democráticas e anti-sociais. Autoridade, ao contrário, refere-se a uma prática pró-social que tem como objetivo levar o ser humano a perceber as normas colocadas pela sociedade, a julgar sua legitimidade e a avançar no sentido de tornar mais humana e mais democrática a vida em sociedade.

No que tange à relação professor/aluno, este deve ser um "facilitador da aprendizagem". Cabe a ele descobrir a melhor maneira de apresentar aos alunos o conteúdo, de forma estimulante, interessante, lúdica e diversificada. Um bom professor é criativo, está sempre criando novas formas de ensinar a mesma coisa. Está sempre à disposição do aluno que quer, realmente, aprender com seriedade e procura sanar suas dúvidas referentes ao conteúdo. Nunca dirá "isso eu já ensinei", porque sabe que é através da repetição que se consegue uma assimilação sólida e profunda. Um bom professor é maleável, sempre disposto a mudar de estratégia, caso sinta que determinada atividade não está surtindo o efeito desejado com determinado aluno, ou que para este aluno representa um exercício difícil. Ele sabe que pessoas diferentes aprendem de maneiras diferentes. Para um bom professor não basta só expor, só explicar, só demonstrar. É preciso também inspirar, motivar, criar entusiasmo no aluno.

Estas ações do professor podem ajudar a sanar alguns conflitos que venham a surgir no decorrer das atividades, estrutura equilibrando a relação professor-aluno, tornando-a flexível para promover a independência do pensamento do aluno, sua criatividade e o gosto pelas atividades a ele impostas. No geral cria nos alunos a vontade de trabalhar em grupo, desenvolvendo seu espírito solidário, colaborador e responsável. É uma nova consciência docente centrada no diálogo, ajuda mútua e valorização do conhecimento de mundo de cada aluno em processo de desenvolvimento intelectual (LIBÂNEO, 1994, p.179).

II. Um tijolo metafórico

Você é apenas mais um tijolo no muro!

Na música, hipoteticamente, o tijolo nos leva à sugestão de construção por ser uma realidade concreta, palpável e indelével.

Cada professor, cada aluno, cada profissional que contribui para o processo educacional tem parte nesta imensa edificação. A idéia de conjunto não pode ser esquecida; pois há um material fundamental que nos mantém juntos e com pilares fortes – o Amor! Más, como identificar esta forma de amar? É sendo paciente, generoso, simétrico, transformador, tendo consideração um pelo outro, nunca ameaçar e respeitando toda forma de autoridade. Libâneo citando Herbart (1994, p.60) diz que, a finalidade da escola, acima de tudo, é fomentar no indivíduo a vontade de querer o bem, de se educar, saber gerir seus próprios passos rumo à assimilação de idéias novas que controlarão seus interesses pessoais, principalmente na fase criança onde está em processo de formação.

Todos os tijolos de qualquer edificação estão em contato uns com os outros. Todos necessitam uns dos outros - como nós precisamos uns dos outros. Quando nós começamos a brigar, a discutir, a esquecer os valores morais, a desrespeitar, a medir ou até retirar nosso amor uns dos outros, o que é que acontecerá? Surgirão pequenas rachaduras em pontos diferentes da estrutura, a parede começará a ceder, a perder estabilidade e, irremediavelmente, alguns tijolos começarão a cair e em pouco tempo toda a construção vem abaixo. Mas, por lado, se colocarmos uma argamassa forte e pura; a edificação pode resistir a qualquer grito de anarquia e/ou atitudes rebeldes.

III. Um outro tijolo no muro (parte 2) Ataque ao professor – as relações de poder

Quando crescemos
e fomos à escola
Havia certos professores
que machucavam as crianças
de toda forma que pudessem
Ao colocar suas decisões
em tudo que fazíamos

O que estaria por trás da mensagem rebelde inserida em “um outro tijolo no muro (Parte 2 e 3)”? De que forma um educador pode machucar seu aluno? Por que, imperativamente, pedir para deixar as crianças em paz? O que conotaria a expressão: você não me escapa?

Acreditamos que a resposta para esta indagação é uma total aversão (dos alunos) a todas as exigências dentro da escola. Uma repulsa aquele modelo totalmente assimétrico, que entra na sala com arrogância, que faz piadas desprezíveis de cunho pejorativo, ridiculariza os pontos fracos do aluno, expõe o educando ao ridículo frente a seus colegas, ri de seus erros, é pedante, acha que sabe tudo e que está diante de um grupo de pobres desesperados e imbecís em busca de conhecimento. Desta forma, tem-se início o conflito e a guerra contra a autoridade é inevitável.

Os alunos mais inteligentes e maliciosos logo perceberão que por trás daquela máscara de arrogância existe um ser humano com extrema fragilidade e inseguro. Obviamente virão questionamentos facciosos para tentar desconsertá-lo. Em contrapartida aquele professor transformador, que respeita o cidadão e sabe reconhecer seus méritos sem usar de autoritarismo, mostra autoridade real através da segurança que transmite em sala de aula ao aplicar os conteúdos. Na verdade é saber atuar no grande palco que é a escola. Castiello (1958, pp. 58-59) explica que cada educador deve trabalhar para aprimorar o espírito humano, combatendo o pedantismo e a estupidez. Ele não se deixa seduzir por números fictícios, valoriza qualidade e não quantidade; é contemplativo, espiritualista e sabe usar o que aprendeu diante de seus alunos sem mostrar-se enciclopédico. Desenvolvendo um bom diálogo transformador ele, naturalmente, estimulará a atividade mental do estudante. Tudo tem a ver com inspiração, sendo esta uma das maiores qualidades de um educador.

IV. O grito de liberdade ou uma forma de anarquia

A letra da música em foco critica o sistema de ensino que tenta controlar o pensamento dos alunos. Um modelo educacional que não permite que os alunos tenham sua própria forma de pensar. Eles devem ser robotizados ou apenas mais um tijolo no muro: "Não precisamos de nenhuma educação. Não precisamos de nenhum controle de pensamento. Chega de sarcasmo negro!"

Começa então a revolução e os protestos no ambiente escolar contra toda forma de poder e o sarcasmo negro. O negro significa o destino e a morte, favorece a auto-análise e permite um conhecimento do indivíduo no seu processo existencial. No Ocidente, o preto é a cor do luto por expressar melhor a eternidade no seu sentido mais profundo: a não existência. As pessoas que preferem o preto ou têm atração por ele são estranhas, distantes, taciturnas, procuram a renúncia e o isolamento. É a cor predileta dos monges e outros tipos de religiosos, pois permite um maior contacto com o inconsciente e com a vida interior. *As cores afetam profundamente as nossas energias vitais e as nossas emoções (CHEVALIER, 1997, pp.740-744).*

Um insurgimento (grito) contra uma escola fascista aquele modelo de educador ditador e hostil que não respeita as idéias do aluno e nunca está apto para o diálogo simétrico. O grupo mostra-se inquieto, transtornado e violento, não mais aceitando ser subjugado pelo sistema e, na verdade, é contra ele.

Esse grito imperativo de "liberdade" e de "poder" é uma forma desesperada de protesto para chamar a atenção que algo está errado na escola. O aluno está sendo moldado, não aperfeiçoado. A sensação do muro que escraviza, enjaula e aprisiona com grades diante dos olhos já não é aceita. É preciso, sensibilizar, conscientizar, ter o direito de remar contra a maré, o caminho impulsionado por nossas decisões.

Todo grito é focal, concentra, não há espaço para contradição. Para corroborar sua força, Chevalier (1997, pp. 478-479) o vê como uma forma de protestar contra algo e isso deve ser feito com total precisão. Se observarmos do ponto de vista religioso, o ato de gritar tem algo de maligno e/ou paralisante. Grita-se nas guerras, gritaram os gregos e troianos, grita-se para dar a luz, mostrar raiva e ao nascer já protestamos, com um grito, pela inóspita entrada de ar em nossos pulmões.

O sistema gerador de tamanha revolta está em oposição à pedagogia do diálogo. É conhecida como educação bancária que na opinião de Freire (1998, pp. 25-73) o educador não tem discência e essa forma de ensino deforma a criatividade do aluno como também do educador que não adquire consciência crítica. O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; não é respeitado o conhecimento que o aluno traz à escola, o seu gosto estético; somente o educador pensa, o aluno jamais.

Este modelo de educação tem como base apenas dominar, alienar e, sobretudo, colocar um cabresto no alunado. É o poder do mais forte sobre o mais fraco. Não há diversificação nas ferramentas para a conquista do saber, não existe interação, transformação ou troca de conhecimento entre ambas as partes. Tudo é desprovido de ética e a opressão é a base da educação bancária. Furlani (1997, pp. 58-59) apresenta esta forma de educar como autoritária porque somente um detém o poder da fala - o professor. Não há polarização das discussões e o centro da atenção está sempre naquele que possua o poder controlador. O aluno não encontra espaço para expressar-se, expor seus ideais, criticar ou contra-argumentar; ele apenas deve usar de repetições após memorizar aquilo que foi previamente indicado.

Obviamente está fórmula não obterá o sucesso devido porque não houve a aquisição de métodos de pensamento, avaliação de capacidades, habilidades introvertidas e exteriorização da criatividade intrínseca a cada educando. Foi justamente este modelo arbitrário/castrador que levou em maio de 1968 estudantes franceses a transformarem a sala de aula, vista como forma de dominação, no palco de uma das maiores revoltas contra toda e qualquer espécie de dominação. Esse ato levou o mundo ocidental a repensar valores e reformular os métodos de ensino e a

forma de lidar com o outro, passando a respeitar e privilegiar a criatividade, debate em grupos, a autoavaliação, os seminários e principalmente o autodidatismo (FURLANI, 1997, p. 72).

Toda pessoa tem direito à educação. Ela deve ser gratuita no ensino fundamental e elementar, deve visar o pleno desenvolvimento da personalidade humana, sem desigualdades, e fortalecer o respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais (PIAGET, 1997, p. 33).

Portanto, Another Brick in the Wall pactua com a revolta de 1968 em 1979, criticando duramente este modelo educacional porque ele é desprovido de ética, endurece emocionalmente o educador tornando-o mais racional, calculista e distanciando-o da afetividade para com o educando. O trabalho na escola passa a ser visto apenas pelo seu valor de troca; é a coisificação do outro, da relação, ou seja, o aluno passa a ser tratado como objeto de forma fria. Passa a ser um professor restrito a dar aula, como ato mecânico de transmissão de conhecimento. A gana, sua ideologia, altruísmo, todo um dinamismo, motivação e sonhos vão, naturalmente, sendo corroídos pela artificialidade de suas ações e a frustração erigirá seus pilares (distúrbio psíquico burnout)². Minando essas características do educador ele, conseqüentemente, abdicará da profissão e migrará para outro ambiente de trabalho, desistindo definitivamente da escola, dos alunos e de tudo que ela representa.

Toda esta problemática envolvendo o teatro operacional escolar é desconhecida por muitos pais, principalmente os que não têm filhos em escolas públicas. Porque são nestas que as piores e degradantes condições de trabalho, higiene, logística (fardamento, material escolar, carteiras, quadros brancos, computadores, internet) acessibilidade, ausência de merenda escolar são vivenciadas pela desresponsabilização do Estado e municípios em investir num direito universal e constitucional que é a Educação.

² A síndrome de burnout em professores - A burnout de professores é conhecida como uma exaustão física e emocional que começa com um sentimento de desconforto e pouco a pouco aumenta à medida que a vontade de lecionar gradualmente diminui. Sintomaticamente, a burnout geralmente se reconhece pela ausência de alguns fatores motivacionais: energia, alegria, entusiasmo, satisfação, interesse, vontade, sonhos para a vida, idéias, concentração, autoconfiança e humor.

Considerações finais

Difundir a idéia de que para obter disciplina requer a política do silêncio, da submissão e do medo onde o professor é o que sabe; os alunos os que não sabem; o professor é o que atua; os alunos, os que têm a ilusão de que atuam; o professor é o sujeito do processo; os alunos, meros elementos robotizados são formas de pensar de todo falsas. A sala de aula é um lugar de total interação professor /aluno e Freire (1998, p. 25) corrobora isso quando diz que não há docência sem discência e apesar das diferenças entre ambos, não devem ser vistos como objeto um do outro.

Todo professor deve cuidar para não ser autoritário para não correr o risco de ter seu discurso desvalorizado por sua visão verticalizada ao extremo. Deve parar de olhar de cima para baixo e horizontalizar sua forma de ver o outro. Agindo assim não será o espelho para seus pupilos reproduzirem, em casa ou com amigos, o tratamento que foram vítimas em sala de aula. O mestre nunca deve achar que domina todo o conhecimento do mundo, que tem todos os elementos denotadores de poder. Jamais deve, na opinião de Santos (1999, p. 9) reproduzir uma prática pedagógica elitista, ressentir-se de questionamentos e evitar obediência passiva dando ao aluno a contrapalavra.

O educador deve fugir daquele pensamento que a escola é o lugar onde se doma almas. Ele deve ver a escola como o ambiente ideal para fazê-las vibrar, voar e alcançar novos horizontes. Educador e educando numa relação sem imposições, com cooperativismo, respeito e crescimento interior. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo o educador um papel de suma importância nesse processo, como um indivíduo mais experiente, mais forte e mais astuto. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o conhecimento de mundo do aluno, sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem.

Por fim precisamos chamar para o diálogo todos os que estão envolvidos neste processo de melhorias na escola: pais, jovens, gestores, professores, etc. Talvez um processo utópico/inatingível – a vontade de ver a escola crescendo soberana, buscando a verdade, estimulando o crescimento interior e a igualdade social. Nunca um campo de batalha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTIELLO, Jaime. Uma psicologia da educação. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de Símbolos. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso? 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

JULIEN, Nadia. Dicionário dos símbolos. São Paulo: Rideel, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. (coleção magistério 2º grau)

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Professor – Aluno / As relações de Poder. Curitiba: HD livros, 1999.

http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome_de_Burnout- 28/09/2009